

GEORGES SIMENON

# O caso Saint-Fiacre

Tradução

*Eduardo Brandão*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited  
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm  
MAIGRET ® Georges Simenon Limited  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*L’Affaire Saint-Fiacre*

Projeto gráfico  
*Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes*

Capa  
*Alceu Chiesorin Nunes*

Preparação  
*Leny Cordeiro*

Revisão  
*Ana Maria Barbosa*  
*Isabel Jorge Cury*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Simenon, Georges, 1903-1989.  
O caso Saint-Fiacre / Georges Simenon ; tradução Eduardo Brandão – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: L’Affaire Saint-Fiacre.  
ISBN 978-85-359-2623-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2.  
Romance francês I. Título.

15-05463

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhidasletras.com.br](http://www.companhidasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

1. A menina vesga 7
2. O missal 20
3. O coroinha 32
4. Marie Vassílieva 46
5. O segundo dia 58
6. Os dois campos 70
7. Os encontros de Moulins 84
8. O convite para jantar 97
9. Sob o signo de Walter Scott 109
10. O velório 124
11. O apito de duas notas 134

## 1. A menina vesga

Um arranhão tímido na porta; o ruído de um objeto posto no piso; uma voz furtiva:

– São cinco e meia! O primeiro toque da missa acaba de soar...

Maigret fez ranger o estrado da cama erguendo-se sobre os cotovelos, e enquanto olhava com espanto para a fresta do telhado inclinado, a voz repetiu:

– O senhor vai comungar?

Agora o comissário Maigret estava de pé, descalço no piso glacial. Dirigiu-se à porta que se trancava com um cordão enrolado em dois pregos. Ouviu passos fugindo e quando saiu no corredor só teve tempo de perceber uma silhueta de mulher vestindo combinação e saia branca. Pegou então o jarro de água quente que Marie Tatin tinha lhe trazido, fechou a porta, procurou um pedaço de espelho diante do qual pudesse se barbear.

A vela só tinha mais alguns minutos de vida. Do lado de lá da trapeira ainda era noite cerrada, uma noite fria de inverno nascente. Algumas folhas mortas subsistiam nos galhos dos álamos da praça principal.

Maigret não podia ficar de pé no centro da água-furtada, por causa da inclinação do telhado. Sentia frio. A noite toda um fio de ar, cuja origem não conseguiu descobrir, havia gelado sua nuca.

Mas justamente esse tipo de frio o perturbava, mergulhando-o num ambiente que acreditava esquentado.

O primeiro toque da missa... Os sinos sobre o vilarejo adormecido... Quando era garoto, Maigret não acordava tão cedo. Esperava o segundo toque, às quinze para as seis, porque naquele tempo não precisava se barbear. Será que pelo menos lavava o rosto?

Ninguém lhe trazia água quente. Às vezes a água gelava no jarro. Pouco depois, seus sapatos soavam na estrada endurecida.

Agora, enquanto se vestia, ouvia Marie Tatin que ia e vinha na sala do albergue, sacudia a grelha do fogão, batia uma louça na outra, girava o moedor de café.

Enfiou o paletó, o sobretudo. Antes de sair, pegou em sua carteira um papel com uma nota administrativa espetada, trazendo a menção:

*Polícia municipal de Moulins.*

*Transmitido para os devidos fins à Polícia Judiciária de Paris.*

Depois, uma folha quadriculada. Uma letra caprichada:

*Anuncio que um crime será cometido na igreja de Saint-Fiacre durante a primeira missa do Dia de Finados.*

O papel esteve largado vários dias nos escritórios do Quai des Orfèvres. Maigret o havia visto por acaso, tinha se espantado.

– Saint-Fiacre, nas bandas de Matignon?

– É provável, já que isso nos foi transmitido pela polícia de Moulins.

E Maigret pusera o papel no bolso. Saint-Fiacre! Matignon! Moulins! Palavras que lhe eram mais familiares que todas as outras.

Ele nascera em Saint-Fiacre, onde seu pai havia sido por trinta anos administrador do castelo! A última vez que havia ido lá foi justamente na morte do pai, que fora enterrado no pequeno cemitério atrás da igreja.

*... um crime será cometido... durante a primeira missa...*

Maigret havia chegado na véspera. Hospedara-se no único albergue, o de Marie Tatin.

Ela não o tinha reconhecido, mas ele sim, por causa dos olhos dela. A menina vesga, como a chamavam outrora! Uma menina magricela que se tornara uma senhora ainda mais magra, cada vez mais vesga, agitando-se sem cessar na sala, na cozinha, no quintal onde criava coelhos e galinhas!

O comissário desceu. O andar de baixo era iluminado a querosene. A mesa estava posta para ele num canto. Um pão de centeio volumoso. Um cheiro de café com chicória, leite fervendo.

– O senhor devia comungar num dia como hoje! Ainda mais que se dá ao trabalho de ir à primeira missa... Meu Deus! Já soa a segunda badalada!

A voz dos sinos era frágil. Ouviram-se passos na estrada. Marie Tatin se enfiou na cozinha para pôr seu vestido preto, suas luvas de linha, seu chapeuzinho que o coque impedia de permanecer reto.

– Eu deixo o senhor terminar de comer. Vai trancar a porta à chave?

– Não! Estou pronto...

Fazer o caminho com um homem a deixou confusa! Um

homem que vinha de Paris! Ela dava passinhos miúdos e rápidos, inclinada para a frente na manhã fria. Folhas mortas esvoaçavam no chão. Seu roçar seco indicava que gelara durante a noite. Havia outras sombras que convergiam em direção à porta vagamente luminosa da igreja. Os sinos continuavam a soar. Algumas luzes nas janelas das casas térreas: gente que se vestia apressada para a primeira missa.

E Maigret reencontrava as sensações de outrora: o frio, os olhos que ardiavam, a ponta dos dedos gelada, um ranço de café. Depois, ao entrar na igreja, uma lufada de calor, de luz suave; o cheiro das velas, do incenso...

– Com licença... Tenho meu genuflexório – disse ela.

E Maigret reconheceu a cadeira preta com braços de veludo da velha Tatin, a mãe da menina vesga.

A corda que o sineiro acabava de soltar ainda tremia no fundo da igreja. O sacristão acabava de acender as velas.

Quantos eram eles nessa reunião fantasmagórica de gente mal despertada? Quinze no máximo. Só havia três homens: o sacristão, o sineiro e Maigret.

*... um crime será cometido...*

Em Moulins, a polícia pensara numa brincadeira de mau gosto e não tinha se preocupado. Em Paris, haviam se espantado ao ver o comissário viajar.

Ele ouvia ruídos detrás da porta situada à direita do altar e podia adivinhar segundo por segundo o que acontecia: a sacristia, o coroinha atrasado, o padre que, sem dizer palavra, vestia sua casula, juntava as mãos, dirigia-se para a nave, seguido pelo menino tropeçando em sua batina...

O menino era ruivo. Sacudiu a sineta. O murmúrio das preces litúrgicas começou.

*... durante a primeira missa...*

Maigret havia espiado uma a uma todas as sombras. Cinco velhotas, três das quais tinham genuflexório reservado. Uma lavradora gordona. Camponesas mais moças e uma criança...

Um ruído de carro lá fora. O rangido da sua porta. Passos miúdos, leves, e uma senhora de luto que atravessava toda a igreja.

No coro havia uma fileira de cadeiras eclesiásticas reservadas à gente do castelo, cadeiras sólidas, de antiga madeira polida. E foi ali que a mulher se instalou, sem barulho, seguida pelo olhar das camponesas.

*Requiem aeternam dona eis, Domine...*

Maigret talvez ainda fosse capaz de replicar ao padre. Sorriu pensando que antigamente ele preferia as missas fúnebres às outras, porque as orações são mais breves. Lembrava-se de missas celebradas em dezesseis minutos!

Mas já não olhava para a ocupante da cadeira gótica. Mal percebia seu perfil. Hesitava em reconhecer a condessa de Saint-Fiacre.

*Dies irae, dies illa...*

E, no entanto, era ela mesma! Mas quando a vira pela última vez, ela estava com vinte e cinco ou vinte e seis anos. Era uma mulher grande, magra, melancólica, que se avistava ao longe no parque.

E agora devia ter mais de sessenta. Rezava ardorosamente. Tinha um rosto magro, mãos muito compridas, muito finas, que apertavam um missal.

Maigret havia se instalado na última fileira das cadeiras de



palha, as que na missa cantada costumam cinco centavos mas que são gratuitas nas missas caladas.

*... um crime será cometido...*

Levantou-se com os outros ao primeiro Evangelho. Detalhes o solicitavam de todas as partes e lembranças se impunham a ele. Por exemplo, pensou de repente:

“No Dia de Finados, o mesmo padre celebra três missas...”

No seu tempo, ele almoçava na casa do padre, entre a segunda e a terceira. Um ovo quente e queijo de cabra.

A polícia de Moulins é que tinha razão. Não podia haver crime! O sacristão havia tomado lugar no fim das cadeiras, quatro além da condessa. O sineiro tinha saído a passos pesados, como um diretor de teatro que não se interessa em assistir ao seu espetáculo.

Homens, só havia Maigret e o padre, um jovem padre com o olhar apaixonado do místico. Não se apressava, como o velho cura que o comissário conhecera. Não escamoteava a metade dos versículos.

Os vitrais empalideciam. Lá fora, o dia raiava. Uma vaca mugia numa fazenda.

E logo todo mundo se curvava para a Elevação. A aguda sineta do coroinha soava.

Só Maigret não comungou. Todas as mulheres avançaram para o banco, mãos postas, fisionomia hermética. Hóstias, tão pálidas que pareciam irreais, passavam um instante pelas mãos do padre.

O serviço continuava. A condessa tinha o rosto nas mãos.

*Pater Noster...*

*Et ne nos inducas in tentationem...*

Os dedos da velha senhora se separavam, descobriam a expressão atormentada, abriam o missal.

Mais quatro minutos! As orações. O último Evangelho. E seria a hora de sair. E não teria havido crime!

Porque a advertência dizia: *a primeira missa...*

A prova de que tinha acabado é que o sacristão se levantava, penetrava na sacristia...

A condessa de Saint-Fiacre estava de novo com a cabeça entre as mãos. Não se mexia. A maioria das outras velhas estava igualmente rígida.

*Ite missa est... Ide, a missa terminou...*

Só então Maigret soube o quanto estivera angustiado. Mal tinha se dado conta. Soltou um suspiro involuntário. Esperou com impaciência o fim do último Evangelho, pensando que ia respirar o ar fresco de fora, ver as pessoas se agitarem, ouvi-las falar de uma coisa e outra.

As velhas despertavam todas ao mesmo tempo. Os pés mexiam nos frios ladrilhos azuis do templo. Uma camponesa se dirigiu para a saída, depois outra. O sacristão apareceu com um apagador, e um fio de fumaça azulada substituiu a chama das velas.

O dia nascera. Uma luz cinzenta penetrava na nave ao mesmo tempo que a corrente de ar.

Restavam três pessoas... Duas... Uma cadeira se mexia... Restava apenas a condessa, e os nervos de Maigret se crisparam de impaciência.

O sacristão, que havia terminado sua tarefa, olhou para a sra. Saint-Fiacre. Uma hesitação perpassou por seu rosto. No mesmo momento o comissário se adiantou. Ficaram os dois perto dela, espantados com sua imobilidade, procurando ver o rosto que as mãos postas escondiam.

Maigret, impressionado, tocou o ombro. E o corpo vacilou, como se seu equilíbrio dependesse de um nada, rolou no chão, continuou inerte.

A condessa de Saint-Fiacre estava morta.

Transportaram o corpo para a sacristia, onde foi deitado em três cadeiras dispostas lado a lado. O sacristão saiu correndo para buscar o médico do vilarejo.

E Maigret esquecia o que sua presença tinha de insólito. Levou vários minutos para compreender a interrogação suspeita que o olhar ardente do padre continha.

– Quem é o senhor? – questionou finalmente. – Como é que...

– Comissário Maigret, da Polícia Judiciária.

Encarou o padre. Era um homem de trinta e cinco anos, traços regulares, mas tão graves que evocavam a fé feroz dos monges de outrora.

Um alvoroço profundo o agitava. Uma voz menos firme murmurou:

– Quer dizer que...?

Ainda não tinham ousado despir a condessa. Havia posto em vão um espelho sobre seus lábios. Havia auscultado seu coração, que não batia mais.

– Não estou vendo ferimento – Maigret se contentou em responder.

Olhava a seu redor aquele cenário imutável do qual trinta anos não haviam mudado nenhum detalhe. As galhetas estavam no mesmo lugar, e a casula preparada para a missa seguinte, e a túnica, e a sobrepeliz do coroinha.

O dia sujo que penetrava por uma janela em ogiva dissolvia os raios de um lampião.

Fazia ao mesmo tempo calor e frio. O padre era assaltado por pensamentos terríveis.

– Mas não se pode alegar...

Um drama! Maigret não entendeu logo. No entanto as lembranças da sua infância continuavam a voltar à tona como bolhas d'água.

*... Uma igreja onde um crime foi cometido deve ser novamente santificada pelo bispo...*

Como pode ter havido crime? Não se ouvira nenhum tiro! Ninguém tinha se aproximado da condessa! Durante toda a missa, Maigret não havia por assim dizer tirado os olhos dela! E não havia sangue derramado, nem ferimento aparente!

– A segunda missa é às sete, não é?

Foi um alívio ouvir os passos pesados do médico, um homem corado que a atmosfera impressionou e que olhou sucessivamente para o comissário e para o padre.

– Morta? – perguntou.

Não hesitou porém em desabotoar sua blusa, enquanto o padre virava a cabeça. Passos pesados na igreja. Depois, o sino que o sineiro começava a tocar. A primeira badalada da missa das sete.

– Só vejo uma embolia para... Eu não era o médico da condessa, que preferia se tratar com um colega de Moulins. Mas fui chamado duas ou três vezes ao castelo... O coração dela estava muito comprometido.

A sacristia era exígua. Os três homens e o cadáver mal cabiam nela. Dois coroinhas chegavam porque a missa das sete era cantada.

– O carro dela deve estar lá fora – disse Maigret. – É preciso transportá-la para casa.

E ele sentia continuar pesando sobre si o olhar angustiado

do padre. Será que havia adivinhado alguma coisa? O fato é que, enquanto o sacristão, ajudado pelo motorista, levou o corpo para o carro, ele se aproximou do comissário.

– Tem certeza de que... Ainda tenho duas missas a rezar. É Dia de Finados. Meus fiéis estão...

Como a condessa havia morrido de embolia, será que Maigret não tinha o direito de tranquilizar o padre?

– O senhor ouviu o que disse o doutor...

– No entanto o senhor veio aqui, hoje, justamente a esta missa...

Maigret fez um esforço para não se perturbar.

– Um acaso, padre. Meu pai está enterrado no seu cemitério.

E apertou o passo em direção ao carro, um cupê modelo antigo, cuja manivela o motorista girava. O médico não sabia o que fazer. Havia algumas pessoas na praça que não compreendiam nada do que estava acontecendo.

– Venha conosco.

Mas o cadáver tomava todo o espaço interno. Maigret e o médico se comprimiram ao lado do assento do motorista.

– O senhor parece surpreso com o que lhe disse – murmurou o doutor, que ainda não havia recuperado sua pose. – Se o senhor conhecesse a situação, talvez compreendesse. A condessa...

Calou-se ao olhar para o motorista de libré negra que dirigia o carro com ar ausente. Atravessavam a enladeirada praça principal, tendo de um lado a igreja erguida na subida e, do outro, a lagoa Notre-Dame, que naquela manhã era de um cinza venenoso.

O albergue de Marie Tatin ficava à direita, a primeira edificação do vilarejo. À esquerda havia uma alameda margeada por carvalhos e, bem no fundo, a massa escura do castelo. Um céu uniforme, tão frio quanto um rinque de patinação.

– O senhor sabe que isso vai causar o maior drama. É por isso que o padre está com aquela cara.

O dr. Bouchardon era um camponês, filho de camponeses. Vestia um traje de caça marrom, botas altas de borracha.

– Eu ia caçar pato nos lagos.

– O senhor não vai à missa?

O doutor piscou o olho.

– Isso não me impedia de ser amigo do vigário de antes. Mas este...

Penetravam no parque. Distinguiam-se agora os detalhes do castelo, as janelas do térreo cegadas pelos contraventos, as duas torres de canto, únicas partes antigas da construção.

Quando o carro parou diante da entrada, Maigret mergulhou o olhar pelas janelas gradeadas, ao rés do chão, e entreviu a cozinha cheia de vapor, uma mulher gorda depenando umas perdizes.

O motorista não sabia o que fazer, não ousava abrir as portas do cupê.

– O sr. Jean não deve ter se levantado...

– Chame qualquer um. Há outros criados na casa?

As narinas de Maigret estavam úmidas. Fazia frio para valer. Ficou de pé no pátio com o médico, que se pôs a encher um cachimbo.

– Quem é esse sr. Jean?

Bouchardon encolheu os ombros, esboçando um sorriso esquisito.

– O senhor vai ver.

– Mas, afinal, quem é?

– Um rapaz. Um rapaz encantador.

– Um parente?

– Podemos dizer. À maneira dele. Ah! Melhor contar logo de uma vez. É o amante da condessa. Oficialmente, é seu secretário.

E Maigret olhava o doutor nos olhos, se lembrava de ter estado na escola com ele. Mas ninguém o reconhecia! Estava com quarenta e dois anos, havia engordado...

O castelo, ele conhecia melhor do que ninguém. Principalmente as dependências! Bastava-lhe dar alguns passos para perceber a casa do administrador, onde nascera.

Talvez fossem essas lembranças que o perturbavam tanto! Em especial a lembrança da condessa de Saint-Fiacre, tal como a tinha conhecido: uma jovem mulher que havia personificado, para o garoto do povo que ele era, toda a feminilidade, toda a graça, toda a nobreza...

Ela estava morta! Tinham-na empurrado, como uma coisa inerte, para dentro do cupê, e tiveram de dobrar suas pernas! Não haviam sequer abotoado novamente a blusa, e a roupa branca irrompia do negro do vestido de luto!

*... um crime será cometido...*

Mas o médico afirmava que ela havia morrido de uma embolia! Que demiurgo pudera prever isso? E por que convocar a polícia?

Um corre-corre no castelo. Portas se abriam e se fechavam. Um mordomo, que só estava com metade da libré, entreabria a porta principal, hesitava em continuar. Um homem se mostrava atrás dele, de pijama, cabelos em desalinho, olhos cansados.

– O que foi? – gritou ele.

– Ogigolô! – murmurou o médico cínico no ouvido de Maigret.

A cozinheira também havia sido alertada. Pela janela do seu subsolo ela espiava em silêncio. Trapeiras se abriam no sótão, onde ficam os quartos dos criados.

– E então? O que esperam para transportar a condessa até sua cama? – trovejou Maigret com indignação.

Aquilo tudo parecia um sacrilégio, porque não coincidia com suas lembranças de infância. Sentia um mal-estar não só moral, mas também físico!

*... um crime será cometido...*

O sino tocava a segunda badalada para a missa. As pessoas deviam se apressar. Havia lavradores que vinham de longe, de charrete. Eles traziam flores para depositar nos túmulos do cemitério.

Jean não ousava se aproximar. O mordomo, que havia aberto o reposteiro, continuava aterrado, sem fazer mais nada.

– A senhora condessa... a senhora... – balbuciava.

– E então? Vão deixá-la ali? Hein?

Por que cargas-d'água o doutor dava um sorriso irônico?

Maigret usou da autoridade.

– Vamos! Dois homens. Você! (designava o motorista)... e você! (designava o criado). Transportem-na para o quarto.

E enquanto eles se inclinavam sobre o cupê, uma campainha tilintou no hall.

– O telefone! Estranho, a esta hora... – grunhiu Bouchardon.

Jean não ousava atender. Parecia ter perdido os sentidos. Foi Maigret quem se precipitou para o interior, pegou o fone:

– Alô!... Sim, é do castelo...

E uma voz bem próxima:

– Pode passar para minha mãe? Ela deve ter voltado da missa.

– Quem fala?

– O conde de Saint-Fiacre. Aliás, não é da sua conta. Passe para minha mãe.

– Um instante... Pode me dizer de onde telefona?

– De Moulins! Mas, diacho, eu lhe disse para...

– Venha para cá! É melhor – Maigret contentou-se em articular, desligando.

E teve de se colar contra a parede para deixar passar o corpo que os dois criados transportavam.